LAZER, CULTURA E HISTÓRIAS NA FAZENDA DO BARÃO DE MAMBOCABA[1]

Jeniffer Franco da Rocha

Raquel Gaião

Salomé Lima Ferreira de Almeida

RESUMO: O estudo em andamento busca investigar o grau de contribuição das práticas de lazer, oferecidas na Fazenda do Barão de Mambocaba, para a manutenção de sua memória social e cultural enquanto patrimônio. Visa também mapear os múltiplos significados atribuídos à fazenda e as atividades de lazer nela vivenciadas, e, as contradições neste cenário. Os usos atribuídos a Fazenda, como museu e pousada, tem gerado contradições visíveis através das atividades de lazer, ora afirmando os elementos culturais e identitários deste patrimônio, ora negando-os para atender as novas demandas que são esvaziadas de história, de cultura e de uma identidade social comprometida com um passado histórico. A abordagem metodológica usada nesta investigação é qualiquanti, tendo como técnicas de coleta de dados a observação não participante, entrevistas abertas, questionários e pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Lazer; Patrimônio; Sustentabilidade Cultural; Turismo Pedagógico; Pousada.

INTRODUÇÃO

No Brasil há uma crescente demanda por serviços hoteleiros e atividades de lazer. Esse processo é recente em nosso país e vem se avolumando rapidamente e tomando concepções diversas.

Há um indicativo de que todo este crescimento seja oriundo dos megaeventos previstos para o Brasil, entre 2014 e 2016, como a copa do mundo e as olimpíadas. Esta nova realidade tem provocado debates sobre infraestrutura turística e hoteleira do Brasil, e, os possíveis impactos econômicos, sociais, ambientais e culturais. E, ainda reflexões sobre riscos e legados destes megaeventos para as cidades e para o povo brasileiro.

[1] Fazenda do Barão de Mambocaba é um nome fictício que está sendo usado de acordo com as orientações do gestor da Fazenda.

Neste contexto, surge a preocupação de criar “produtos” para serem consumidos pelos turistas, dentro e fora dos meios de hospedagem. E o lazer aparece como mais um produto turístico a ser consumido, evidenciando os traços da sociedade capitalista moderna. Um produto que embora esteja associado ao consumo, remete o conceito de lazer a uma prática que liberta o homem, pois é um momento de “fuga” das tensões do indivíduo aprisionado ao trabalho (KRIPPENDORF, 2003).

Assim, a busca pelo lazer também é produto de uma sociedade em processo de urbanização e desenvolvimento, que se organizou sob a imposição do trabalho e como conseqüência se instaurou a criação de vários tempos sociais, como o tempo para o trabalho e o tempo livre. No entanto, na sociedade contemporânea a divisão destes tempos sociais (do trabalho e do tempo livre) não é separada por fronteiras rígidas ou fixas. O que se percebe é uma fluidez entre esses tempos ou uma “confusão” de definição e de tempo social. Muitas vezes, o tempo livre é ocupado pelo trabalho em função das mudanças associadas às características ou ao local de trabalho. O que se contempla, é uma “invasão” do trabalho no espaço e no tempo do lazer, e vice-versa.

Todo este quadro tem gerado discussões e alguns estudos pontuais de natureza política. No entanto, ainda se faz necessário ampliarmos o debate no meio acadêmico. Sobretudo, em relação aos programas de lazer oferecidos nos meios de hospedagem, inclusive os históricos, com uma reflexão que entenda o lazer, não apenas, como prática prazerosa, ou aprisionada ao par Lazer X Trabalho, ou, ainda como mais um produto a ser consumido. Mas como um tempo social que pode produzir enriquecimento intelectual e cultural, produzindo trocas e tensões sociais.

Se há embates no campo teórico sobre o lazer, na prática as redes de hotéis têm buscado atender as demandas apresentadas. E, têm se transformado, prioritariamente, em espaços para se hospedar, entreter, para se vivenciar o lazer, para realização de negócio e eventos. E, muitas vezes, são redes internacionais que oferecem o que há de melhor no aspecto de conforto e tecnologia, no entanto, não estão comprometidas com a história, a identidade, os costumes do local em que estão instaladas. Gerando uma sensação de perda que se reforça diante da modernização que passam as grandes cidades, às vezes marcadas por uma

urbanização esvaziada de história e de uma identidade social comprometida com um passado. (PEIXOTO, 2003).

O lazer nos meios de hospedagem talvez precise ser pensado a partir das relações e percepções que a sociedade contemporânea constrói com outras temáticas como a cultura, a história, a sustentabilidade e a educação. Evitando a sensação de perda e o esvaziamento da história, inclusive nos meios de hospedagem históricos que devem priorizar como função essencial: manter vivo a cultura e os elementos que compõem a identidade local e nacional da sociedade a qual representam.

O patrimônio cultural é entendido como um amplo e diversificado conjunto de bens culturais que permite a cada segmento social se apropriar do passado, compondo imagens de sua identidade, quer individual, quer coletiva (NORA, 1993). A utilização do patrimônio como fonte para atrair turistas tem se tornado cada vez mais popular no trade turístico, pois é visto como a opção para garantir a preservação dos bens e propiciar um processo de aprendizado aos visitantes a partir do contato com os símbolos culturais e históricos. No entanto, a “popularização” conjugada a “estratégia de atrair” mais visitantes tem afastado o patrimônio de sua importância coletiva, passando a ser enxergado como mercadoria e um bem para o consumo.

Tais questões retratadas até o momento são evidenciadas no universo que o estudo está sendo desenvolvido, a Fazenda do Barão de Mambocaba, em função dos produtos oferecidos e pela sua representatividade na construção da identidade, da memória social e da vivência do lazer associado à cultura. A fazenda é um patrimônio tombado em 2007, onde se promove o turismo pedagógico, mas também é um meio de hospedagem (Pousada do Barão de Mambocaba). Este novo uso atribuído a fazenda tem o intuito de promover e garantir a manutenção da mesma.

A Fazenda está localizada no município de Barra do Piraí, uma região considerada palco de acontecimentos históricos do Brasil Colônia que nos remetem a época dos barões do café. Tal fazenda é cercada e constituída por elementos históricos e culturais, presentes na arquitetura e na memória dos habitantes e daqueles que preservam tais espaços. Esta realidade faz desta fazenda um ambiente propício para o estudo em andamento.

Os serviços oferecidos pela Fazenda do Barão de Mambocaba se destacam com a prática do turismo pedagógico. Esse turismo pedagógico se dá através da visitação a fazenda, do Sarau Histórico e do Sarau do Gegê. A visitação ocorre no interior da Casa Grande e do museu do escravo (que é uma senzala original) onde é apresentado aos visitantes o acervo, constituído por móveis, quadros, utensílios, pratarias originais, documentos, cartas, instrumentos musicais e de tortura, entre outros. A visitação é guiada por atores caracterizados com vestimentas da época e que produzem discursos e trocas que contextualizam a histórica vivida neste patrimônio, gerando um "encantamento" e uma experiência singular.

O estudo busca investigar o grau de contribuição das práticas de lazer para a manutenção da memória social e cultural da Fazenda enquanto patrimônio. Visa também mapear os múltiplos significados atribuídos à fazenda e as atividades de lazer vivenciadas nestes espaços, e, averiguar as tensões e contradições que possam surgir a partir do programa de lazer oferecido.

A metodologia deste trabalho implica em uma pesquisa de natureza qualitativa e quantitativa. Como a pesquisa está em andamento, a análise apresentada parte da abordagem qualitativa através da observação não participante, dos relatos contidos nos diários de campo, de entrevista aberta que busca entender a história da fazenda, as atividades desenvolvidas e os usos atribuídos a este espaço.

METODOLOGIA

O estudo em andamento tem uma abordagem qualitativa e quantitativa. Tendo como técnicas de coleta de dados a observação não participante, entrevista aberta, questionários e pesquisa bibliográfica.

No momento, a investigação está na segunda fase, que compreende a aplicação do instrumento quantitativo – os questionários direcionados aos hóspedes. Portanto, a análise, apresentada neste artigo, faz parte de um olhar construído com base no trabalho de campo, através do uso de relatos do diário de campo e com a técnica de observação não participante.

A aplicação dos métodos qualitativos vem permitindo "uma base de informação observacional e de expressão oral ou escrita, pouco estruturada, recoletada a partir de pautas flexíveis, dificilmente quantificáveis" (DENKER, 2007, p. 122). E por este motivo, é importante salientar que há um esforço de se construir uma neutralidade no momento da coleta de dados e da análise. Pois, entende-se que tais momentos são complexos e estruturados por uma certa subjetividade – que é constantemente revisada e confrontada com a teoria, com o trabalho de campo e com a interpretação dos dados qualitativos e quantitativos (VELHO, 199?; SANTOS, 1991; BOURDIEU, 1999).

Já a aplicação do método quantitativo produzirá dados que sofrerão um tratamento estatístico, mas ainda sim, estarão sujeitos a interpretação dos pesquisadores. Vale lembrar que o momento de análise é um momento solitário do pesquisador diante de seus dados, sejam eles qualitativos ou quantitativos. Em função, da clareza dos desafios que permeiam o momento da coleta dados e da análise, se propôs uma combinação entre os métodos – que não são indissociáveis e sim complementares. Tal combinação produzirá informações que retratam fatos de uma realidade mais próxima do que se é vivido no ambiente estudado, podendo oferecer informações que possam elucidar as indagações desta investigação.

A importância desta combinação aparece na reflexão de vários autores, entre eles Cardoso (1986), Duffy (1987) e Neves (1996). E, uma das vantagens, entre tantas, desse uso combinado segundo Duffy (1987 apud NEVES, 1996, p. 2) seria "a possibilidade de complementar um conjunto de fatos e causas associadas ao emprego de metodologia quantitativa com uma visão de natureza dinâmica da realidade."

LAZER, PATRIMÔNIO E SUSTENTABILIDADE CULTURAL

O breve olhar teórico aqui apresentado é um esforço de se pensar novas questões a partir de leituras e delimitações conceituais construídas até o momento sobre lazer, patrimônio, turismo cultural. Sobretudo uma concepção de lazer que esteja comprometido com o desenvolvimento intelectual e cultural do indivíduo.

As leituras sobre o tema apontam que há uma diversidade de percepção sobre o conceito de lazer, o que caracteriza um debate muito polêmico com diferentes olhares e não muito claro. A falta de clareza parece estar associada à aproximação do conceito com outras questões, como recreação e entretenimento. E também por estar relacionado a temas sobre política, cultura e trabalho. E, essa relação acaba atribuindo ao debate uma característica polissêmica. Por isso deve-se indagar a "partir de qual eixo, de qual fator está sendo discutido o lazer".

Por esta razão, é importante ressaltar que o conceito de lazer utilizado neste trabalho é influenciado pelos estudos do sociólogo francês Dumazedier (1979, p. 34), entendendo-o como um "conjunto de atividades desenvolvidas pelos indivíduos seja para descanso, seja para divertimento, seja para seu desenvolvimento pessoal e social, após cumpridas suas obrigações profissionais, familiares e sociais."

No Brasil as investigações sobre o tema começaram posteriormente a Europa, muito em função do tardio processo de industrialização em nosso país. Esse processo instituiu mudanças no tempo social dos indivíduos, leis trabalhistas e uma ressignificação sobre o trabalho. Transformações que contribuíram para o debate sobre lazer. Assim, esse debate começou a ser construído no Brasil a partir da década de 70 aonde alguns autores brasileiros vêm apresentando uma reflexão mais acadêmica sobre a temática.

Segundo Gomes e Melo (2003) a visibilidade dada ao lazer deve-se: ao entendimento de que a compreensão da cultura passa pelas práticas de lazer, principalmente se o debate for cultura de massa e a lógica do consumo; o crescimento da indústria do lazer; o aumento das iniciativas governamentais através de programas de políticas públicas de lazer; ou, valorização do trabalho nos tempos atuais.

Diante das tensões impostas pelo universo industrial o homem moderno busca cada vez mais momentos de "fuga" deste universo, por entendê-lo como "uma prisão que incita uma evasão" (KRIPPENDORF, 2003). Esta busca tem associado à concepção de lazer a viagens e ao turismo, como aponta Krippendorf (2003):

> (...) o turismo é uma válvula de escape que permite o relaxamento das tensões, a orientação das vias socialmente inofensivas e das esperanças não realizadas. O lazer é uma droga aprovada pela sociedade, um

> analgésico que dá a ilusão de uma melhora passageira, mas que não pode curar a doença em si (Id, p.46).

A dilatação do conceito de lazer também tem gerado diálogos com outras temáticas, como educação, gênero, política pública, patrimônio, desigualdade, saúde, família e direito social. Tais estudos têm colocado o lazer em outra perspectiva, que vai além da investigação dos benefícios das práticas do lazer para a saúde ou da oposição trabalho X lazer.

Marcelino (1983) é um dos primeiros autores brasileiros que se distanciam desta relação ao acreditar que as atividades vivenciadas no tempo destinado ao lazer podem trazer mudanças no plano cultural. Apresentando, a temática com uma forte relação com o papel da educação, sendo ela capaz de direcionar o uso do tempo livre.

Atualmente outros autores têm compartilhado com este olhar entendendo o lazer como um "processo educativo continuado" e não só como uma prática recreativa, podendo contribuir para uma nova leitura sobre educação, política, cultura, culminando em uma nova percepção sobre qualidade de vida. Entre estes autores, destaco Pinto (2008, p. 49) que analisa as práticas educativas pelo e para o lazer, apontando às contribuições desta relação:

> Como processo educativo, o lazer atua sobre os meios de reprodução da vida, sua dimensão sociocultural mais visível e prática. Como produto de ação socioeducativa, de um lado, pode contribuir para qualificar o ser humano a olhar, perceber e compreender o vivido, se reconhecendo na percepção do outro, distinguindo semelhanças e diferenças entre si, o mundo em que vive e outros sujeitos – construindo a sua própria identidade e história. De outro lado, pode contribuir para favorecer novas relações socioculturais alicerçadas nos preceitos lúdicos e democráticos, que têm como ponto de partida o reconhecimento dos direitos e deveres como cidadãos. Pode influenciar sobre fatores que agem contra exclusão, preconceitos e marginalização.

Segundo a autora a educação pelo lazer "aprimora os gostos culturais" e a educação para o lazer possibilita "ampliar e diversificar oportunidades culturais". Tanto a educação pelo e para o lazer acaba gerando no indivíduo uma autonomia o que possibilita diferentes usos do seu tempo livre, e, porque não dizer um novo pensar sobre sua história, cultura e política, podendo ser representadas através dos

patrimônios[2] materiais e imateriais. Essa "autonomia" e o distanciamento entre o patrimônio e a sociedade permite ao indivíduo escolher *o símbolo* que representa a sua memória e identidade social (ETCHEVARNE, 2004). Ou, até mesmo "rejeitar o que for determinado, pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) ou por outros órgãos, como representação simbólica de sua identidade e o uso atribuído a estes símbolos" (ETCHEVARNE, 2004). Podendo gerar tensões na concepção do que venha ser patrimônio na esfera individual e coletiva.

É importante ressaltar que o estudo proposto não cabe apontar qual significado é o mais correto e, sim refletir o que está em jogo ao se construir os múltiplos significados e representações simbólicas atribuídas aos patrimônios.

Os diferentes usos atribuídos a patrimônios históricos – como museus, meios de hospedagem, centros gastronômicos e outros – tornam visíveis na prática a relação entre educação, patrimônio e lazer, tão bem colocada no plano teórico. Esses diferentes usos buscam promover a manutenção da cultura, da identidade e da história de um povo e de se preservar o próprio patrimônio. Este último fator é fundamental, pois é necessário repensar e inovar formas de se captar recursos para a conservação dos patrimônios históricos.

O que vincula a reflexão de patrimônio a práticas de sustentabilidade cultural. Esta carrega uma representação simbólica dos costumes vividos e passa ser fundamental para as cidades, histórica ou não, por serem contextos vivos e em constante modificação. Para os "centros históricos"[3] as práticas movidas pela sustentabilidade cultural passa carregar a esperança de manter vivos símbolos e representações que parecem estar em risco eminente de desaparecimento. Para Peixoto (2001) esta sensação de perda histórica ou "traumatismo de ruptura" evidencia o que chama de consciência patrimonial. Esta desencadeia um momento de "luto".

[2] Patrimônio pode ser entendido uma categoria simbólica que representa a identidade local e nacional, e a cultura de uma sociedade.

[3] Para Peixoto (2001) esta expressão é uma metalinguagem do patrimônio. Para ele isto torna-se evidente quando percebe-se que a expressão "centro histórico" muitas vezes não são centrais e nem históricos, mas representam o que há de mais importante para uma sociedade.

> Daí o exacerbamento discursivo sobre o estado de defunto em que os "centros históricos" se encontram, bem como argumento recorrente que com o eventual desaparecimento dos "centros históricos" desaparece aquilo que de melhor as nossas cidades e as nossas sociedades dispõem. Por isso, o que mais interessa, do ponto de vista da análise, é constatar que a consciência patrimonial responde às necessidades da sociedade futura. (2001, p. 213)

Este momento de "luto" é carregado por uma esperança de regeneração dos patrimônios ou de centros históricos. Tal esperança está associada à função do patrimônio de organizar o passado, o presente e, sobretudo o futuro de uma sociedade (CARVALHO, 1990). Assim a noção de patrimônio é ampliada visando um imaginário identitário e cultural que vai além da representação de um passado.

Para Peixoto (1998) o passado e a história reproduzidos nos patrimônios e em centros históricos são matérias primas para se construir o "novo", o futuro. E nesta perspectiva, o "passado" e o "futuro" não são excludentes. Mas contribuem para futuras adaptações, mudanças e para amenizar o sentimento de perda e de dor diante de tantas transformações. Assim, a cidade possui um presente e um futuro que é legitimado por símbolos do passado.

O tratamento que as atividades de lazer e os monumentos históricos têm recebido na cidade de Barra do Piraí/RJ (município estudado) tem evidenciado a preocupação com a manutenção de seus patrimônios, através de práticas do turismo cultural e pedagógico. O turismo cultural é um encontro com manifestações culturais, religiosas, valores, língua e costumes – elementos constitutivos de identidade social e de patrimônio cultural (MOLETTA, 1998).

O que trás para o debate uma preocupação com essa "manutenção", pois apresenta uma relação dialética e tão questionada nos dias atuais. Por um lado, propaga e mantém vivo a história de um povo ao permitir que os turistas e os hóspedes vivenciem um pouco do que foi vivido nos cenários históricos através de sarais, de dramatizações, de visitas aos museus que fazem parte do patrimônio e passeios com guias trazendo a memória fatos que ocorreram em cada espaço percorrido. Tais práticas indiscutivelmente contribuem para o aumento do desenvolvimento econômico das regiões exploradas e até mesmo para a manutenção dos patrimônios visitados, como já foi dito anteriormente. Por outro lado, podem colocá-los em risco, bem como, a cultura local, se os agentes turísticos

e os proprietários dos patrimônios negligenciarem as questões apontadas na teoria. Levando a descaracterização das manifestações culturais espontâneas e a destruição dos patrimônios.

O PÚBLICO, OS PRODUTOS OFERECIDOS E OS MÚLTIPLOS SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS A FAZENDA DO BARÃO DE MAMBOCABA

> O papel e a importância da Fazenda... Primeiro é a importância de se conhecer, de se resgatar um pouco mais a história do Brasil. Segundo é uma reflexão sobre o que é esta sociedade. Uma sociedade escravocrata; O que é isto em nosso país? Terceiro o patrimônio precisa ser preservado. E quarto ninguém vive sem memória. A gente precisa desta memória. E quinto, atrair as pessoas porque as pessoas pagam uma taxa e ajudam a manter este patrimônio. Isto é fundamental. (Informação verbal)[4]

O cenário de investigação é a Fazenda do Barão de Mambocaba, localizada em Barra do Piraí/RJ, é uma fazenda histórica de café e um marco da história escravocrata do Brasil, no século XIX. Foi tombada como patrimônio histórico em 2007 pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC), possui em sua estrutura um quadrilátero original, contendo a senzala, enfermaria dos escravos, a casa grande, engenho de café e o terreiro de secar o produto.

Desde a década de 90, a Fazenda vem se destacando e sendo reconhecida pelos visitantes como museu em função do acervo histórico e da arquitetura típica do ciclo do café. As salas de estar, bar e o refeitório ocupam a área onde originalmente o café era processado e ensacado depois de ser colhido a seco. Os pilões e roldanas foram mantidos e os funcionários oferecem uma explicação sobre como era o funcionamento. Esse acervo também inclui objetos antigos, utensílios, livros e pinturas que ficam expostos no interior dos ambientes da Casa Grande tendo um duplo sentido, de decoração e de símbolos da identidade nacional.

[4] O nome atribuído nesta informação verbal e nas demais é pseudônimo para preservar a identidade dos respondentes: Entrevista concedia por CARLOS, José. **Entrevista 1.** [fev.2014]. Entrevistador: membro da equipe. Rio de Janeiro, 2014. 1 cassetes sonoros. Entrevista concedida a equipe de pesquisa.

Atualmente o público da Fazenda é amplo e os serviços oferecidos atendem interesses de pesquisadores, estudantes e clientes em busca de lazer e hospedagem[5]. Mas vale ressaltar que ao longo dos anos os significados atribuídos a Fazenda vêem sendo moldados a partir do conceito de patrimônio e de lazer que cada grupo possui.

Até 1999 o público da Fazenda era reduzido, basicamente atendia estudiosos, intelectuais e turistas estrangeiros. Segundo o gestor da Fazenda, este público deixou de visitar e se hospedar na Fazenda quando se iniciou uma "nova" fase da Fazenda, que se configurou com instalação de ar condicionado e ofertas de serviços que normalmente compõe a programação de uma pousada – entendida como empresa e não como museu.

O que é colocado em questão pelos primeiros usuários da Fazenda (estudiosos, intelectuais e estrangeiros) é um novo significado atribuído a Fazenda. Assistiram mudanças, que para eles distanciavam a Fazenda do seu papel primordial – o de um museu – e de um espaço "genuíno" de lazer. Neste sentido é importante ressaltar os elementos que constituem essa visão sobre o lazer. Trata-se de um lazer mais próximo da concepção de Dumazedier (1967), um lazer de contemplação e enriquecimento intelectual.

O descontentamento apontado pelos primeiros usuários evidencia as diferentes percepções sobre os múltiplos usos atribuídos a Fazenda. Enquanto, o gestor da Fazenda, senhor Carlos, compreende que tais mudanças foram fundamentais para manutenção do patrimônio e para tornar mais visível a história vivida neste contexto; os primeiros usuários as enxergaram como uma possibilidade que colocaria o patrimônio em risco, podendo desconfigurar o próprio lugar e sua essência. Estes múltiplos significados atribuídos ao patrimônio revelam tensões "entre a concepção individual associada à idéia de patrimônio como herança individual e uma concepção coletiva que entende o patrimônio como um bem público" (FUNARI; PELEGINI, 2006, pg. 30). Nesta dimensão "pública", o patrimônio pode representar interesses e necessidades divergentes, sob a ótica política, social,

[5] A empresa foi instalada em 2007, no entanto, já se oferecia serviços de hospedagem desde 1994. Atualmente a Fazenda possui 14 apartamentos para hóspede, com previsão de ampliação. E, o valor da diária não é definido pelo tipo de serviço oferecido e sim através da localização de cada quarto, se é perto da senzala ou da Casa Grande.

ambiental e mercadológica. Pode-se afirmar que no universo social estudado a disparidade, entre os interesses e necessidades vinculadas ao patrimônio, gerou o embate observado.

Mesmo diante deste embate, a partir do ano de 2000, intensificaram-se as transformações nos serviços oferecidos na Fazenda. Confirmou-se então a mudança de público e os serviços foram direcionados a dois grupos. O primeiro grupo é composto por clientes que reconhecem a Fazenda como um museu, buscando nela elementos históricos e culturais de um Brasil escravocrata, do século XIX.

Este primeiro grupo vivencia na Fazenda o turismo pedagógico, que segundo Beni (2002) é a:

> Retomada da antiga prática amplamente utilizada na Europa e principalmente nos Estados Unidos por colégios e Universidades particulares, e também adotada no Brasil por algumas escolas de elite, que consistia na organização de viagens culturais mediante o acompanhamento de professores de aulas e visitas a pontos históricos ou de interesse para o desenvolvimento educacional dos estudantes.

Esta atividade na Fazenda do Barão de Manbocada é direcionada a alunos de escolas[6] do ensino fundamental, médio, universitário, pós-graduação (mestrado) e grupos de idosos. Na prática o turismo pedagógico possui os mesmos objetivos levantados no referencial teórico acima, pois o gestor da fazenda define “Turismo pedagógico como uma aula de história, é uma aula extra muro da escola, uma aula de campo. Os alunos vêem para estudar, é uma aula de história” (Informação Verbal)[7]

Na Fazenda o turismo pedagógico é experimentado através do Sarau histórico, precedido pela visitação a Fazenda, e do Sarau do Gegê[8]. O turismo pedagógico é o produto mais importante da Fazenda do Barão de Mambocaba, pois setenta por cento (70%) de sua receita é oriunda desta atividade.

Além do fator econômico, o Turismo Pedagógico evidência também a história do município de Barra do Piraí e da própria fazenda que são elementos importantes para a constituição da identidade nacional.

---

[6] Chega a receber anualmente 120 escolas do ensino público, privado, estadual e federal.
[7] Ibidi., 2004.
[8] O Sarau do Gegê é um resgate do período relacionado a Getúlio Vargas, que era uma visita constante da Fazenda.

A prática do turismo pedagógico também é conjugada aos serviços de meio de hospedagem oferecidos pela Fazenda, chamada de acantonamento. Acantonamento é a prática de hospedar várias crianças escolares no mesmo quarto. Esta hospedagem visa oferecer o lazer fundamentado em atividades culturais. Os estudantes assistem o sarau histórico, fazem a visita guiada pela Fazenda, participam do projeto mata atlântica[9] e do passeio na fazendinha[10]. Além deste programa pré-definido a escola tem liberdade para executar outras atividades durante o acantonamento.

O segundo grupo é composto por clientes [11] que procuram vivenciar momentos de lazer, descanso, paz e uma busca pelo verde. E, reconhecem a Fazenda como um meio de hospedagem. Para o gestor da Fazenda este outro uso atribuído a tal espaço foi uma estratégia de se manter viva a riqueza histórica presente na Fazenda. Mas também é uma forma de atrair recursos para a Fazenda durante as férias escolares.

Há um discurso de que ao hóspede se oferece atividades culturais e de lazer (caminhada, banho de piscina e no açude, visita a fazendinha, passeio de cavalo, bailes temáticos, festas juninas[12], atividades recreativas e a noite do Halloween). No entanto, observou-se que as atividades culturais não são organizadas especificamente para os hóspedes. Estes participam de tais atividades se durante a sua estadia tiver sido programada alguma visitação de escola.

A ausência de uma programação de lazer fundamentada no contexto histórico da Fazenda pode estar relacionada à importância atribuída as demandas que surgem a partir da fala dos hóspedes, pois estes praticamente definem as programações a serem oferecidas, como relata o gestor da fazenda, em uma entrevista:

[9] O projeto Mata Atlântica refere-se às trilhas feitas com o acompanhamento dos recreadores e profissionais responsáveis.
[10] O passeio a Fazendinha propõe o resgate de cultura dos animais e a forma de criá-los. Trabalha algumas questões do conceito de sustentabilidade através da prática da horta coletiva e da composteira.
[11] O público que se hospeda na Fazenda é casal acompanhado pelos pais e/ou pelos filhos.
[12] Segundo o gestor a festa junina é um resgate da cultura da roça e da dança dos negros.

> O patrimônio está aqui, e ele vai conhecer e vai ter. Além disto, o que eles querem? Então a pergunta é esta: O que o hóspede quer? Porque se você vem aqui para conhecer a casa grande, a senzala, o patrimônio. Se você quer só isso, nunca mais você volta. Então, o que eu faço: atividades ligadas ao conceito lazer dentro da parte cultural. E aí, você volta (Informação verbal)[13].

E um exemplo de por em prática as sugestões dos hóspedes é a própria festa do Halloween promovida na Fazenda, aos sábados no mês de novembro, como relata o senhor Carlos, em uma entrevista:

> A festa do Halloween foi um pedido dos hóspedes. Então nós criamos uma festa de Halloween onde as assombrações brasileiras não foram convidadas e resolveram aparecer. Então fica tudo escuro e as pessoas começam a sentir a presença das lendas do folclore do Brasil – saci, mula sem cabeça. É uma brincadeira (Informação verbal)[14].

Esta festa chamou muito atenção do grupo de pesquisa envolvido neste estudo, gerando algumas inquietações: Qual a relação desta festa com este contexto histórico? Será que é possível relacionar a cultura escravocrata e brasileira com elementos de uma festa moldada pela cultura americana, sem negar a sua identidade local? O grupo de pesquisa ainda não possui elementos para responder a tais questionamentos, por não ter tido a oportunidade de participar do evento.

No entanto, é possível apontar que há um distanciamento entre a proposta ofertada ao grupo que busca o Turismo Pedagógico em relação aos que se hospedam na Fazenda. Pois, a estes não há uma proposta de lazer que dialogue com a riqueza histórica e cultural da Fazenda, o que Dumazedier (1967) chamaria de um processo de empobrecimento do lazer. E este processo se dá na Fazenda Histórica do Barão de Mambocaba pautado na ideia de que “o cliente tem razão” e de uma constante busca por atividades cada vez mais atrativas, que possivelmente gerará recurso para manutenção do patrimônio.

Este quadro relatado evidencia uma relação ambígua entre o discurso e a prática vivenciada na Fazenda Histórica do Barão de Mambocaba, entre o desejo de preservar o patrimônio e o de oferecer novos produtos, que por vezes se distanciam ou negligenciam a própria história deste patrimônio. O quadro posto também

[13] Ibid., 2014.
[14] Ibid., 2014.

desenha uma complexa relação entre o novo e o velho, pois ao propiciar a criação de novos produtos ocorre um processo de aculturação, este processo determina uma descaracterização da história do patrimônio para atender as novas demandas dos hóspedes.

O TURISMO PEDAGÓGICO PROMOVIDO NA FAZENDA HISTÓRICA DO BARÃO DE MAMBOCABA

A visitação à Fazenda consiste em uma visita guiada, onde se relatam os fatos históricos do século XIX (aproximadamente 1930) e se apresenta a Fazenda e o seu acervo. Neste formato, a visitação atinge a sua proposta inicial, inserir o visitante no contexto histórico a ser retratado ao longo do dia.

A visitação é guiada por atores caracterizados com vestimentas da época, representando os papéis da Baronesa e do Barão de Mambocaba, José Luis Gomes, como retratado nas fotos abaixo:

O uso de atributos do passado, utilizado logo na recepção dos alunos e/ou visitantes, é uma estratégia que gera um “encantamento”. Essa estratégia é utilizada ao longo da programação do dia com o objetivo de superar as expectativas dos alunos, buscando uma “experiência memorável” em um ambiente que retrata histórias tão conhecidas. Mas capaz de despertar novos interesses e a busca por mais conhecimento através de uma “nova” forma de se experimentar este passado.

Vivencias como estas, agregam mais valor ao patrimônio visitado e torna mais nítida a importância da cidade para a história. Lembrando que Barra do Piraí

não é uma cidade turística, mas tem uma dinâmica econômica mais favorável através do turismo pedagógico e cultural promovido pelas diversas fazendas históricas da região. O que os gestores das Fazendas da região fazem é se transformar "em atores do processo de encantamento, aplicando aos produtos toda a riqueza de seus mitos regionais e também das histórias peculiares aos estabelecimentos" (INSTITUTO MARCA BRASIL, p. 14, 2010).

Este processo de encantamento tão marcante na visitação a Fazenda Ponte Alta é divida em cinco momentos. No primeiro apresenta-se o lugar onde era o engenho (atualmente é a sala e antessala dos hóspedes e visitantes). No segundo momento apresentou-se o museu dos Escravos. No terceiro e no quarto momento é apresentada a Casa Grande (a casa do Barão). Mas há um desdobramento durante esta apresentação. Inicialmente é realizada pelo Barão, atendo-se a produção do café e ao trabalho escravo. E posteriormente é realizada pela Baronesa, atendo-se a curiosidades que envolvem a mulher daquele momento histórico, tanto a escrava quanto a sinhazinha. No quinto momento ocorre a apresentação ao museu dos escravos, construído dentro da senzala. E por fim, a visitação é encerrada com o Sarau Histórico.

Na visitação falou-se de Lei de Eusébio de Queiroz[15], de 1850; da chegada da ferrovia em 1870 que contribui para a venda do café[16]; da constituição familiar fundamentada pela política familiar; da produção do café; da comida dos escravos; dos instrumentos de tortura; das formas de mercantilização (fez-se inclusive uma associação do preço de um escravo com o valor da moeda corrente); do filho mestiço; da resistência dos escravos liderada pelos quilombos; e da formação dos casamentos.

A apresentação da Casa do Barão demarcou dois momentos distintos vividos neste espaço social e na história do Brasil. O primeiro momento representou o trabalho escravo e a produção de café. E o outro momento representou o desejo de retratar uma história "sem a escravidão". Desejo explícito em 1952 quando "os

[15] A Lei Eusébio de Queiroz foi criada em 1850 e proporcionou uma mudança na legislação escravista, pois proibia o tráfico de escravos para o Brasil. É considerada como um dos primeiros passos para a abolição da escravatura no Brasil.

[16] O café era comprado em grão no Brasil e beneficiado (torrado) no mercado externo. O que evidenciava uma luta dos cafeicultores, por desejarem que o beneficiamento do café ocorresse no Brasil, agregando mais valor ao produto.

amigos de Getúlio demoliram a casa e construíram outra que não retratava a escravidão" (fala do ator, o Barão de Mambocaba, coletada durante a visitação, 2014). Era um esforço de se construir uma nova história e um novo significado ao café e ao escravo, nesta dimensão "o escravo é o patrimônio e a riqueza o café" (fala do ator, o Barão de Mambocaba, coletada durante a visitação, 2014).

No entanto, o acervo observado evidenciou um distanciamento entre o discurso da época (representado pelos atores) e o sentimento materializado nos objetos de decoração da nova Casa do Barão. Os artigos de decoração como os "quadros' representavam apenas o trabalho escravo e os símbolos de poder dos barões. Enaltecendo uma visão do negro sempre como escravo, prisioneiro a uma relação de dominação e associado ao trabalho que o branco negava. Afinal, "os pés e as mãos do café eram os escravos porque a nobreza não colocava a mão no trabalho" (fala do ator, o Barão de Mambocaba, coletada durante a visitação, 2014).

Durante a visitação, em seus cinco momentos, os atores apresentam dados, resgatam alguns elementos históricos, interagem com os alunos e respondem as dúvidas dos estudantes.

Observou-se que na fala dos atores e nos questionamentos dos alunos os escravos eram, quase sempre, associados ao trabalho e a religião. Praticamente não se fazia menção de outras esferas ocupadas pelos escravos. A não percepção do escravo nestas esferas é compreensível pelo próprio valor atribuído a ele na época, como uma "peça". Tão bem retratada no discurso dos atores "O feitor não deve castigar, quando irado, para não estragar a peça" (visão dos barões de café a respeito dos escravos – fala protagonizada pelo ator, o Barão de Mambocaba, coletada durante a visitação, 2014). Lembrando que "Peça e cidadão" têm conotações bem diferentes em nossa sociedade.

Na realidade os negros ocupavam e viviam relações para além da senzala, como as esferas sociais, culturais, religiosas, amorosas e econômicas. É claro, que tais relações eram tecidas por uma idéia de dominação e submissão. Mas mesmo assim, se configuravam como agentes que ocupavam todos os espaços da fazenda.

A ausência de um discurso que localiza o escravo em dimensões que vão além do trabalho escravocrata, talvez não seja "intencional" ou "planejada" pelos atores da Fazenda Histórica do Barão de Mambocaba. Mas reproduz a história

contada durante décadas, por uma elite branca, apontando o negro como um agente sem direitos e sem voz. Fato que corrobora com a invisibilidade social, política e identitária dos negros em nossa sociedade contemporânea.

Nesta direção à leitura de Alves (2011) contribui para a localização dessa invisibilidade. O autor, ao estudar os elementos da construção identitária do negro no Brasil, aponta que a fragilidade da identidade social do negro tem origem na sociedade escravocrata do século XIX:

> "[..].Observamos que a sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior" (SILVA, 2002; SOUZA, 1983 apud ALVES, 2011, P. 144).

É importante ressaltar que se durante a visitação a Fazenda houve uma preocupação dos atores em apresentarem uma parte da história vivida em cada espaço, notou-se também uma preocupação em apontar heranças culturais e até mesmo legados em nossa língua nativa. Por várias vezes, os atores tentavam instigar os alunos a comparações sobre os significados atribuídos a algumas palavras, no momento histórico retratado e nos dias atuais, como peça de balagandão[17], enfezado[18], espevitado[19] e outras.

A visitação é encerrada com o Sarau Histórico, uma programação que visa atender estudantes do ensino fundamental, médio e universitário. O primeiro sarau ocorreu em 1999, até então era apenas uma visita à fazenda, sem a encenação teatral.

A partir de 2007 o Sarau Histórico vem se configurando como uma representação de diálogos, expressões e comportamentos do Barão de Mambocaba e sua família, com o uso de uma encenação teatral. Evidenciando a forma de tratamento e o poder que o Barão possuía naquela época. Sobretudo, em relação às mulheres e os escravos. No Sarau as mulheres são representadas pela Baronesa de Mambocaba e a Sinhazinha, e os escravos pela escrava Delza (representada por

[17] Objeto colocado na cintura do escravo e que lhe atribuía poder. Pois significava que tinha dinheiro, podendo alcançar a liberdade.
[18] Enfezado era o escravo que levava o balde com as fezes para ser jogado fora.
[19] O instrumento usado para apagar as velas.

uma atriz) através de sua atuação fica evidente o papel que o escravo tinha, o de "peças" na qual os Barões tinham posse. Ao final do Sarau todos os atores se retiram, permanecendo apenas a Delza que é filha de escravos e relata histórias dos seus familiares para os alunos. Para o senhor Carlos "o sarau é um momento de reflexão do Brasil. É refletir quê legado é esse? O que isto deixou para gente? O que isso representa?" (Informação verbal)[20].

Assim, esta representação histórica é um mecanismo facilitador do processo de aprendizagem das relações no campo político, familiar e social do século XIX.

Com os cincos momentos vivenciados pela equipe de trabalho de campo pode-se dizer que a metodologia utilizada na visitação promovida na Fazenda do Barão de Mambocaba tem sido pautada na idéia de educação patrimonial. *S*egundo Almeida (1997, p. 6) a educação patrimonial propõe três etapas: "identificação do bem cultural (observação e análise); registro do bem cultural (atividades de registro da identificação) e valorização e resgate (interpretação e comunicação do observado e registrado)".

As atividades direcionadas aos alunos das escolas promoveram uma experiência que extrapola a idéia do museu associado, tão somente, a um instrumento complementar ao ensino, praticado nas escolas. As atividades acompanhadas cumpriram também com outros papéis atribuídos ao museu, o de despertar o interesse pelo saber, pela cultura e pela história e de oportunizar "novas" formas de se experimentar o saber. Para Adriana Almeida (1997) o interesse por mais dados a partir do que foi experimentado no museu ocorre porque neste espaço o contato com a ciência é de forma mais divertida do que na escola e por provocar um "ganho afetivo".

É inegável o papel das atividades desenvolvidas em museus para a formação do aluno. Todos que estavam participando da visitação pareciam ter este objetivo. No entanto, constatou-se algumas diferenças e posturas durante a visita guiada aos espaços da Fazenda. Algumas escolas estavam fazendo a visitação pela primeira vez enquanto outras já possuem em seu calendário acadêmico tal atividade. Alguns alunos, direcionados pelos professores portavam, um "caderno de campo" para registrarem suas impressões durante a visitação e até mesmo um

[20] Ibid., 2014.

roteiro do que deveriam observar. Enquanto, alunos de outras escolas pareciam não ter recebido nenhuma instrução que pudesse transformar aquele momento em um "aprendizado", o que gerou uma dispersão.

Entre os professores também havia posturas divergentes. Alguns professores observavam de forma passiva e até mesmo eram confundidos como alunos. Já outros dialogavam com os atores, chamavam atenção para o que estava sendo exposto, traziam exemplos do que fora discutido em sala e tentavam fazer uma relação entre o saber da sala de aula e o do museu.

Neste trabalho não há a pretensão de apontar o comportamento ideal em um museu. Mas é importante salientar que algumas escolas ou professores conseguem: dialogar com a equipe do espaço visitado (o museu da Fazenda do Barão de Mambocaba); aproximar estes dois espaços – o museu e a escola; e, tratá-los como espaços complementares. É possível dizer que os agentes das escolas envolvidos na visitação percebem o museu como um espaço propício para se estabelecer relações entre os diferentes campos do conhecimento (científico, empírico, religioso e filosófico) e com os próprios alunos. No entanto, ainda é um desafio para a grande maioria dos educadores que participaram da visitação na Fazenda do Barão de Mambocaba. Talvez, não seria tão absurdo dizer que tal tarefa deve se constituir um desafio para outras escolas que visitam os mais diferentes museus brasileiros.

O que está sendo evidenciado não é novo, as dificuldades envolvendo visitação a museus e a distancia entre o que é proposto no museu e em sala de aula. Tais dados já foram apontados em estudos anteriores, como a de Adriana Almeida (1997) e Beatriz Freire (1992). A questão é, porque este quadro ainda se configura em desafios para as escolas, para os museus e para os patrimônios históricos.

CONCLUSÃO

O programa de lazer oferecido na Fazenda Histórica do Barão de Mambocaba possui múltiplos significados e são moldados a partir de interesses e demandas do seu gestor e dos seus clientes – os escolares e os hóspedes. Assim, a Fazenda tem sido tratada pelo seu gestor e reconhecida pelos visitantes com dupla

função, a de museu e a de meio de hospedagem associado a um espaço de lazer recreativo.

A Fazenda enquanto patrimônio e museu têm uma função educativa, visando à preservação do patrimônio cultural, histórico e natural. E o programa de lazer, associado aos agentes que vivenciam o turismo pedagógico, é comprometido com esta função, reforçando o papel de sítio histórico que suprime uma sensação de perda histórica.

O dever de manter "vivo" os elementos identitários e culturais no imaginário dos escolares e visitantes, é materializado nas atividades de lazer, como o Sarau Histórico, a contação de "casos" e a visitação a Fazenda através do uso da história oral, do Sarau do Gegê, a visita ao museu do escravo, entre outras. Estas atividades também podem oportunizar aos visitantes uma nova leitura sobre lazer. Um lazer comprometido com uma proposta educacional e com um enriquecimento intelectual, justamente por atrair turistas motivados a experimentarem o que chamamos de turismo cultural.

As atividades de lazer, direcionadas aos escolares e aos visitantes que buscam o turismo cultural, também revelam contradições, pois em alguns momentos o que é contado não representa os ideais e o imaginário de uma cultura local ou nacional. Estabelecendo, muita das vezes, a narrativa de uma elite, sobretudo branca, deixando de fora os que construíram a história destes patrimônios, como os negros/escravos.

Ao longo deste trabalho observou-se que o uso atribuído a Fazenda como meio de hospedagem apresenta impactos positivos e negativos para o espaço enquanto patrimônio. No entanto, a Fazenda enquanto meio de hospedagem sofre um impacto significativo ao associar-se a representação patrimonial. Pois, o uso do slogan de sustentabilidade patrimonial e cultural como uma "marca" agrega mais valor a Fazenda, torna-a mais visível e competitiva no novo mercado que está inserida, o hoteleiro.

E estar inserida "neste novo espaço" redefine a proposta de lazer oferecida na Fazenda do Barão de Mambocaba, ora afirmando os elementos culturais e identitários, ora negando-os para atender as novas demandas que são esvaziadas de história, de cultura e de uma identidade social comprometida com um passado

histórico. Aproximando o programa de lazer, da Fazenda Histórica, a atividades recreativas descontextualizadas de toda riqueza presente neste cenário. Por vezes, a riqueza histórica presente na Fazenda é negligenciada ao ser usada apenas como instrumentos decorativos.

Em contrapartida, é visível que a busca por inovações para este meio de hospedagem, tão presente no discurso do gestor da Fazenda, pode agregar mais valor a Fazenda, tornando e enaltecendo o próprio patrimônio e quem sabe, ser capaz de gerar um encontro entre práticas contemporâneas e as do século XIX, não de forma excludente, mas complementar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adriana Mortara. Desafios da Relação Museu e escola. **Comunicação & Educação.** São Paulo, n. 10, 50 a 56, set./dez. 1997.

ALVES, João Paulo da Conceição. Aspectos da Construção Identitária do Negro no Processo Educacional: Entre a Ruptura e a Deflagração do Racismo. **Artifícios – Revista do Difere**, v1.n.1, 112 a 128, jun./2011.

BOURDIEU, P. **A Economia das Trocas Simbólicas.** São Paulo; Perspectiva, 1974.

CARDOSO, Ruth C.L. et al. **A Aventura Antropológica. Teoria e Pesquisa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CARVALHO, José Murilo de**. Formação das Almas:** O Imaginário da República no Brasil. São Paulo. Companhia das Letras, 1990, p. 166.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Pesquisa em Turismo:** Planejamento, Métodos e Técnicas. São Paulo: Futura, 2007.

DUFFY, Mary E. Metodologycal Triangulalation: A Vehicle for Merging Quantitative Research Methods. In: NEVES, José Luis. **Pesquisa Qualitativa:** Características, Usos e Possibilidades. Caderno de Pesquisa em Administração, São Paulo, v.1, n. 3, 2º Sem./1996.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia Empírica do Lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

FREIRE, Beatriz M. **O Encontro Museu/Escola:** O que se diz e o que se faz. 1992. 180f. Dissertação (Mestrado em Educação) – PUC, Rio de Janeiro.

FUNARI, P. P.; PELLEGINI, S.C. A. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

GOMES, Christianne Luce; MELO, Victor. Lazer no Brasil: Trajetória de Estudos, Possibilidades de Pesquisa. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 9, nº. 1, p. 23-44, janeiro/abril de 2003.

INSTITUTO MARCA BRASIL. **Tour da Experiência.** Rio de Janeiro, 2010.

MARCELLINO, Nelson (Org.). **Lazer e Sociedade:** Múltiplas Relações. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Humanização**. Campinas: Papirus, 1983.

NEVES, José Luis. Pesquisa Qualitativa: Características, Usos e Possibilidades. **Caderno de Pesquisa em Administração**, São Paulo, v.1, nº3, 2º Sem./1996.

PINTO, L. S. M. Lazer e Educação: Desafios da Atualidade. In: MARCELLINO, Nelson (Org.). **Lazer e Sociedade:** Múltiplas Relações. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008.

POPP, Elisabeth Victória. et al. **Hotelaria e Hospitalidade.** São Paulo: IPSIS, 2007.

SANTOS, José Vicente Tavares. A Construção da Viagem Inversa: Ensaio sobre a Investigação nas Ciências Sociais. **Cadernos de Sociologia:** Metodologias de Pesquisa. Porto Alegre, v. 3, nº 3, p. 56 – 88, jan./jul. 1991.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: NENES, Edson de Oliveira (Org.). **A Aventura Sociológica.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, [199?].